

A narrativa de aventuras e o perfil do herói aventureiro: oficina interdisciplinar de leitura e produção textual

Rosa Maria Cuba Riche

Resumo

Este texto procura fazer uma leitura da narrativa de aventuras, estudar o perfil do herói aventureiro e sua configuração na obra de Robinson Crusoe. A leitura estabeleceu pontes com outras disciplinas do currículo, ganhou formato de oficina de leitura e produção textual e foi desenvolvida com alunos de 5ª à 8ª série do ensino fundamental.

Palavras-chave

- Narrativa de aventuras;
- Leitura;
- Interdisciplinaridade;
- Produção textual.

Professora Adjunta de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Colégio de Aplicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro- CAP/UERJ

Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos.

Italo Calvino

1 Considerações iniciais

Por muito tempo o paradigma dominante da ciência apontou para a contínua divisão de conhecimento em disciplinas. Não que pretendamos assumir uma posição anti- disciplina, ao contrário, tentamos buscar um mecanismo para apoiar o crescimento disciplinar nas áreas da Língua Portuguesa, da Literatura e da Leitura, trabalhando temas que atravessam as diferentes áreas do saber (História, Geografia, Ciências) e colaboram na construção do conhecimento do aluno. O auxílio que buscamos nessas áreas foi fundamental para perceber as nuances do texto analisado, suas relações com o contexto em que a obra foi gerada.

O mundo da ciência, o mundo acadêmico, é o mundo das disciplinas, da especialização; um mundo setorizado e compartimentado por muito tempo. É inegável que o avanço da ciência e o progresso tecnológico do século foram devidos em grande parte à pesquisa disciplinar. A complexificação dos problemas tornou necessária a aproximação e a associação das disciplinas nos diferentes graus, do mais simples ao mais complexo.

2 A complexidade e a interdisciplinaridade

A palavra complexo na linguagem coloquial é utilizada para qualificar algo difícil de ser explicado, obscuro. Entretanto, se buscarmos a etimologia, a palavra vem de *plexus*, entrelaçado, tecido em conjunto. Tomaremos a definição não como escapatória, mas como forma de melhor entender a abordagem da narrativa.

A idéia de complexo, de complexidade sempre foi usada, mas só modernamente vem ganhando um tratamento de ciência e vem sendo usada para os estudos da física, da biologia e também do social.

Tomaremos de empréstimo o termo e sua etimologia para aplicá-la ao trabalho com a leitura do texto literário. Os fios do tecido em conjunto que a ciência vem estudando talvez tenha encontrado o seu correspondente na

área da educação, traduzido pelo que chamamos de interdisciplinaridade.

Necessário se faz definir esse termo. Segundo Piaget, designa “o nível em que a interação entre várias disciplinas em setores heterogêneos de uma mesma ciência conduz a interações reais, a uma certa reciprocidade no intercâmbio, levando a um enriquecimento mútuo” (CHAVES, 1998). “A interdisciplinaridade estabelece uma relação de reciprocidade, de mutualidade, em regime de co-propriedade que possibilita um diálogo mais fecundo entre vários campos do saber” (SME/MULTIRIO). A interdisciplinaridade provoca trocas generalizadas de informações e de críticas, amplia a formação geral e questiona a acomodação dos pressupostos implícitos em cada área, fortalecendo o trabalho em equipe. A fragmentação é substituída pela construção de conexões e intercâmbios, tornando-se uma arma efetiva contra a pulverização do saber.

O trabalho realizado partiu da análise do texto literário da narrativa de aventuras nas aulas de Língua Portuguesa e percorreu as aulas de História, trabalhando o conceito mais amplo de cultura, as aulas de Geografia, delineando o conceito de espaço e pode prosseguir nas aulas de Ciências com o estudo das propriedades dos alimentos e das doenças que acometiam os marujos, na época do descoberta do Novo Mundo .

3 Para uma análise textual

Por muito tempo acreditou-se que a obra era regida apenas por sua coerência interna. Foi Mikhail Bakhtin, teórico e historiador da literatura, quem analisou e retomou criticamente essa teoria defendida pelos Formalistas Russos que menosprezavam outros ingredientes do ato de criação que são: o conteúdo, ou a relação com o mundo, a escolha que o autor faz entre os elementos pessoais e genéricos da linguagem.

Para Bakhtin (1992), deve-se levar em conta não apenas o material de que é feita uma obra, mas a sua arquitetura, ou a construção, ou a estrutura da obra entendida como ponto de encontro e de interação entre o material, a forma e o conteúdo, ou a relação com o mundo. Ao analisar um texto, o ponto de partida é, pois, o material usado, a seleção vocabular, as escolhas realizadas pelo autor.

Tomando de empréstimo o pensamento de Bakhtin a respeito da obra, isso significa dizer que o estilo e a construção composicional fun-

dem-se indissolúvelmente no todo do enunciado e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação, ou seja, o texto ganha sentido na relação com o leitor com o qual se comunica.

Para entender as relações de produção e recepção do texto, utilizamos os pressupostos dos teóricos alemães Iser e Jauss da Estética da Recepção.

Para esses estudiosos, nem tudo está dito no texto, há entrelinhas, espaços vazios deixados pelo autor que são ocupados pelo leitor na sua relação com o texto. É ele quem constrói os sentidos do texto ao ocupar “os vazios” com sua história de vida e de leitura. (ISER, 1979). Não há uma leitura, mas várias leituras. Esse pressuposto permite uma discussão aberta com os leitores, promove o debate, a troca de opiniões e a construção de significados. Uma leitura que leva em conta a complexidade, os fios do tecido em conjunto para chegar à carpintaria, à arquitetura que sustenta a obra.

Para entender as relações estabelecidas por esse material selecionado (as palavras) que dá forma às idéias do autor e é responsável pela construção dos sentidos, utilizamos os pressupostos da Análise do Discurso, numa leitura capaz de pontuar em que medida a seleção vocabular, a arrumação e a combinação dos elementos do enunciado configuram o perfil dos personagens, fazem caminhar a narrativa e dão suporte às idéias do autor.

Essa leitura, que apenas é sugerida aqui por questões de espaço, varia de acordo com o nível de maturidade dos alunos com os quais se está trabalhando e os conteúdos de Língua Portuguesa da série que estão cursando.

4 Leitura e análise da obra

A edição escolhida para a análise foi a da Cia das Letrinhas. O objeto livro, o projeto gráfico e as informações contextuais da época que acompanham o texto literário, além de estimular o leitor, complementam a leitura e possibilitam fazer uma ponte com as demais disciplinas.

5 Contextualização da obra

O primeiro passo da análise é a contextualização da obra e inicia com a leitura do texto informativo: *A conquista do novo Mundo* que

antecede o primeiro capítulo da edição em análise.

Séculos XV e XVI- Mapeamento do mundo e a situação do Brasil: a escravidão e as questões sociais.

História- a descoberta do continente pelos europeus no século XV.

Por que questionar o uso do termo “descobrimento” ?

Identificar as ações humanas produtoras de cultura.

Leitura do 1º capítulo-

A partir da contextualização de época, pode-se iniciar a leitura e a análise dos primeiros capítulos .

Trabalhando os elementos da narrativa: tempo (cronológico)- espaço (físico)- narrador (1ª ou 3ª pessoa)- personagens (protagonista, antagonistas e secundários)- enredo (apresentação dos personagens- desenvolvimento- clímax- solução ou desfecho). Esses elementos serão trabalhados à medida que forem aparecendo no decorrer dos capítulos.

Vale lembrar aos alunos a importância da figura do herói nesse tipo de narrativa. Traçar o perfil de Robinson Crusóé a partir dos primeiros parágrafos: observar as relações familiares e o desejo de aventura do jovem protagonista.

A voz do narrador em 1ª pessoa está presente assim como a localização temporal através de expressões demarcadoras do tempo bem como a configuração do espaço físico. Assinalar a primeira viagem , a partida, a separação dos pais e o desejo de aventura.

Chamar a atenção para a configuração do herói-aquele que abandona tudo, parte para um lugar distante, enfrenta perigos (em um ambiente hostil), vence as provas para finalmente se sagrar herói. O herói possui atributos peculiares como a força física, a coragem, a determinação, a persistência, a habilidade.

A intertextualidade está presente na comparação que o capitão do navio faz entre Robinson e o episódio bíblico de Jonas .

Leitura do 2º capítulo-

Contextualização: a pirataria comum à época aterrorizava os mares. Leitura do texto informativo: *A vida de marujo* (a vida a bordo, o terror dos mares e os tesouros roubados).

História e Ciências: discutir as relações de trabalho, as condições de vida e de higiene, a alimentação e as doenças típicas da época, a transmissão e a prevenção.

A viagem bem sucedida à Guiné e o ataque dos piratas (ressaltar a presença dos antagonistas) e estabelecer relações com as provas que o

herói precisa vencer para sagrar-se herói no final das peripécias.

História- apontar as diferenças entre as relações do trabalho escravo da época e as relações de trabalho nas sociedades modernas.

Leitura do 3º capítulo-

A viagem desastrosa de Robinson que pretendia ir a Salvador, no Brasil, à costa da Guiné, na África Ocidental para capturar escravos.

Uma nova prova a ser vencida pelo herói aparece aqui- o naufrágio e a chegada à ilha deserta como único sobrevivente.

Leitura do capítulo 4º-

Chamar a atenção para a informação contida na página sobre o texto matriz, o Robinson Crusoe suíço, de Johann Wys, escrito em 1812, fonte de inspiração para Daniel Defoe escrever o seu Robinson.

O ambiente- chamar novamente a atenção do aluno para a influência do ambiente hostil na narrativa de aventuras, na configuração do herói.

Leitura do 5º capítulo-

A partir do tema sobrevivência na ilha, trabalhar a interdisciplinaridade (História e Geografia)

História: as diferentes formas de medir o tempo (o calendário feito na cruz de madeira - o calendário cristão).

Geografia- o espaço geográfico- explorar a ilha, conceituar espaço natural e o espaço humanizado.

Leitura dos capítulos 5, 6, 7 e 8.

Capítulo 5- História- analisar a lista de bens e males de sua situação elaborada por Robinson Crusoe; identificar as evidências do caráter social do ser humano.

A vida na ilha- as relações sociais e humanas – a sobrevivência.

Elementos da narrativa- A configuração do perfil do herói: a força física, a determinação, a coragem, a persistência, a capacidade de solucionar problemas.

Leitura do 9º capítulo.

Os indícios da presença de canibais na ilha.

História- O canibalismo como ritual.: discutir as diferenças culturais e a visão preconceituosa do homem branco em relação às sociedades primitivas.

Estrutura narrativa: destacar a preparação para o clímax e o perfil do herói.

Observar a presença constante da religiosidade no texto, (a Providência Divina) e ressaltar como as relações pouco amistosas entre o

homem branco e o silvícola na época são retratadas pelo autor na trama.

Contextualização- Chamar a atenção para a presença dos índios Caraíbas que habitavam as Pequenas Antilhas e o litoral da América do Sul na época de Defoe, hoje reduzidos a um pequeno número. Na trama, são representados por Sexta-feira, que ao contrário da realidade da época, torna-se amigo do homem branco europeu (Robinson Crusóé).

Leitura do 10º capítulo-

Contextualização- a presença poderosa dos espanhóis na região, desde o século XVI, quando Pizarro e Cortez aniquilaram os impérios Inca e Asteca.

Defoe retrata fielmente a crueldade com que os conquistadores tratavam os nativos americanos.

Leitura do 11º capítulo-

Estrutura da narrativa: a trama caminha para o desfecho. O herói vive mais uma peripécia e, com a ajuda dos novos amigos (personagens secundários), consegue um navio para regressar ao continente e encerrar a longa temporada na ilha.

Leitura do 12º capítulo-

O retorno à Inglaterra

Estrutura da narrativa: trabalhar a marcação temporal (o tempo cronológico) e a localização no espaço físico ficcional.

História- trabalhar o conceito de tempo real- meses, anos e séculos.

Geografia- localização no mapa do espaço percorrido por Robinson Crusóé e do espaço imaginário da ilha em que transcorre a maior parte da trama, ilustrado no final do livro.

6 Atividades de extrapolação- criando pontes entre a ficção e a realidade.

Após a leitura do texto literário, discutir o desejo de aventura inerente ao ser humano. Citar exemplos publicados em jornais, programas de TV sobre o tema, os ralis, os viajantes solitários. Ler o fragmento do texto *Enfim terra!*, de Silvio Ferraz, do veleiro Aysso, sobre a família Schürmann, publicado na revista *Veja* (edição 1646, 26 abr. 2000) em anexo no final desse artigo.

Leitura e análise do texto informativo: *Enfim terra!*

A leitura oral do texto deverá ser dividida entre os alunos e acompa-

nhada por todos que irão selecionando as informações principais de cada parágrafo lido com um marcador de texto. Ao final da leitura de cada parágrafo, devem ser resgatadas as idéias principais pelo aluno leitor .

Chamar a atenção para as características desse gênero textual (reportagem), estabelecendo um contraponto com o texto literário.

Levantar as relações da reportagem com o contexto da época em que foi feita a viagem da família Schürmann, a chegada para a comemoração dos 500 anos do descobrimento do Brasil em 2000.

História- identificar diferenças entre o texto informativo *Vida de marujo*, publicado nessa edição e já lido e comentado e as condições de vida dos aventureiros atuais.

Ler a última frase do texto informativo *Enfim terra!*: “Navegar não é apenas preciso, é imprescindível à nossa sobrevivência.”

No nível literário, chamar a atenção dos leitores para o caráter intertextual da frase e discutir a importância dos navegadores e das grandes navegações para a história das civilizações. A afirmativa e o debate poderão ser retomados posteriormente em séries mais avançadas para estimular a argumentação.

Oficina de Produção Textual

Trabalhando a descrição

Criar um perfil de herói aventureiro: lembrar a diferença existente entre o herói e o super-herói. O herói não tem os poderes mágicos do super-herói, suas características humanas permanecem, mas o desejo de aventura e de justiça são inerentes à sua personalidade .

7 Roteiro

Características físicas e características psicológicas- deverão estar presentes, o tipo físico, a força, a coragem, a determinação, o espírito de luta pela sobrevivência, as habilidades, a persistência, os gostos e as preferências, os sonhos, os desejos, etc.

8 Trabalhando a narração

Lembrar as características da narrativa de aventuras já observadas na história lida. Criar uma ambiente hostil em que a trama vai ocorrer, situar no tempo, criar os personagens antagonistas e secundários

que irão contracenar com o herói e desenvolver a seqüência de fatos, o enredo (apresentação dos personagens, desenvolvimento da ação, clímax e desfecho vitorioso do herói).

Narrar uma aventura em que o herói criado precise vencer obstáculos e viver peripécias para sagrar-se herói.

Criação de um jogo de aventura em grupo.

Trabalhando a interdisciplinaridade- Artes Plásticas- Geografia- História- Ciências- Língua Portuguesa- Literatura

Desenhar o esboço do jogo no rascunho antes da versão definitiva (criar um trajeto com casas, espaços numerados para os jogadores caminharem com seus peões). Discutir e elaborar regras para o jogo. Aproveitar para criar cartas contendo perguntas para serem respondidas na hora do jogo. Sugerimos que o tema das questões esteja vinculado à narrativa de aventuras e ao conteúdo de conhecimentos gerais estudado nas outras disciplinas da série que os alunos estão cursando. Cronometrar o tempo para as respostas e utilizar dados para determinar quantas casas o jogador deverá andar, se acertar a resposta da pergunta contida na carta sorteada.

O jogo criado pode ser também do tipo RPG, se houver alunos que saibam jogar para orientar os colegas.

Show do Milhão- um show de perguntas e respostas similar a um programa de TV, realizado no final do ano letivo com todas as turmas que trabalharam a narrativa de aventuras. Prêmio: um passeio com o grupo vencedor.

Participantes: dividir os alunos em três grupos, dois para competirem respondendo às perguntas e um grupo de alunos para auxiliar os colegas e mais um grupo de professores ou estagiários para ajudar os alunos participantes a responder as perguntas mais difíceis e um professor-apresentador para comandar o show.

Elaborar aproximadamente oitenta perguntas variadas sobre os temas escolhidos, estudados nas diferentes disciplinas que participaram do trabalho. Cada pergunta deverá ser objetiva, ter quatro opções de resposta, duas erradas, uma provável e uma certa. O nível de dificuldade das perguntas varia de acordo com o valor de pontos de cada uma delas (ex: 1000; 2000; 3000; 4000; 5000; 10000; 20000; 30000; 50000; 100000 etc). Ganhará o jogo o grupo que fizer o maior número de pontos.

As regras devem ser estabelecidas previamente pelos participantes: professores, alunos e estagiários, se houver.

Obs: Os conteúdos de História foram desenvolvidos nas turmas de 5ª pela Profa Assistente de História Ana Maria de A Santiago- CAP/ UERJ e Profa do CEFETEQU/ RJ

Referências

BAKTHIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos. Tradução de Nilson Moulin. 6 ed. São Paulo, Cia das Letras, 1999.

CHAVES, Mario M. *Complexidade e transdisciplinaridade: uma abordagem multidimensional do setor de saúde*. Rio de Janeiro, maio, 1988. (mimeo).

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusóé*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letrinhas, 1999.

GERALDI, João Wandeley et al. *O texto na sala de aula*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2001

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. Interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade. Rio de Janeiro: MULT/RIO, [19--]. (mimeo).

JAUSS, Hans Robert et al. A literatura e o leitor. Tradução de Luis Costa Lima. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

RICHE, Rosa M. Cuba; SOUZA, Denise Moreira. *Oficina de textos: leitura e redação*. São Paulo, Saraiva, 1999. 4v.

VIGNER, Gerard. Intertextualidade, norma e legibilidade. In: VIGNER et al. *O texto, leitura e escrita*. Campinas, Pontes, 1997.

Anexo

Enfim , terra !

A família Schürmann completa a viagem em volta da Terra depois de dois anos nos mares

Silvio Ferraz, do veleiro Aysso

Nessa expedição não há fome nem doença. Tampouco ansiedade diante do desconhecido. A saudável família Schürmann, de Santa Catarina, que partiu do Brasil há pouco mais de dois anos para circunavegar o planeta, sabe dia e hora e minuto que aportará em Santa Cruz de Cabrália, em homenagem aos 500 anos do descobrimento. O que ninguém a bordo do Aysso, o veleiro da família, sabe nessa alvorada é quando poderá enxergar terra brasileira. A costa dista 30 milhas. Os ventos sopram a 15 nós de través, e o barco, com 20 toneladas, corta ondas com mais de 2 metros de altura com galhardia. A tripulação perscruta o horizonte ainda coberto com um manto espesso de neblina. “Terra à vista”, esgoela-se David, o filho do meio do casal Heloisa e Vilfredo, lobos-do-mar da ponta dos pés à raiz dos cabelos. É a costa da Paraíba. Todos riem, pulam e batem palmas. Foram 58 456 Km percorridos em uma rota propositalmente coincidente com a do navegador português Fernão de Magalhães, traçada em 1519. Foram visitados 61 portos em dezenove países e nove territórios. Uma viagem planejada quase com requintes de vôo espacial, tantos foram os cuidados no mar e na terra.

Não faltaram acidentes nem surpresas desagradáveis. No mar da China, ameaça de piratas na costa da Indonésia. Vilfredo, com controlada tensão, esperava-os com a pistola de sinalização em punho. Ou tormentas monumentais no Estreito de Magalhães, com ondas de 10 metros e ventos de 60 nós fustigando o convés. Ou mesmo icebergs aprisionando o barco. Mas sobrou deslumbramento com as belezas naturais e a afabilidade de muitos povos. Em Brunei foram recebidos como príncipes. E aquele povo, que do Brasil só conhecia Pelé, passou a integrar o grande contingente que seguiu viagem pela internet.

A vida a bordo é um exercício em equipe. “O segredo é o bom humor. E a chave, a tolerância com os hábitos de cada um”, ensina Vilfredo. Cada um dos oito tripulantes, incluindo o capitão, tem suas especialidades e também tarefas preestabelecidas. A cada quatro horas,

um acorda, toma café na cozinha e sobe à coberta. Ouve de quem o antecede no timão comentários sobre os ventos, as correntes e o mar. E assume o comando por mais quatro horas. Nos momentos de mar grosso, outro tripulante o acompanha. Durante as 24 horas do dia, há sempre alguém dormindo no barco. Quem não dorme lê, ouve música com fones no ouvido ou dedica-se a responder aos e-mails que chovem de todos os cantos do mundo.(...)

Os Shürmann são uma empresa flutuante. Um clã que viu no mar, nas ondas e nos ventos o habitat ideal.(...)

(...) Vilfredo acredita que já no próximo ano, quando um longa-metragem sobre as aventuras da família, feito por David, for concluído com a comercialização de fotos e de conferências sobre a viagem, o faturamento poderá chegar a 7,5 milhões de dólares. Aí começará um novo projeto, sonhado nas noites de lua e nos dias de sol e que ganha contornos reais a cada milha que o Aysso se aproxima da costa brasileira. Vilfredo quer um barco duas vezes maior que o Aysso e parafernália de navegação mais sofisticada, para continuar seus planos de cruzar mares e mais mares: “Navegar não é apenas preciso, é imprescindível à nossa sobrevivência.” (Veja, São Paulo, 26 de abril de 2000, p. 138)

Adventures Narratives and the Profiles of Adventure Heroes: Workshop in Interdisciplinary Lecture and Textual Production.

La narrativa de aventuras y el perfil del hérol aventurero: talse interdisciplinar de lectura y producción textual

Abstract

This paper aims at studing adventure stories and their hero in Robinson Crusoe story written by Daniel Defoe. This study makes a connection between literature and other related subjects. Its a kind of reading and writting workshop thats were developed with high school students.

Key words

- Adventure stories narratives;
- Reading and writting texts;
- Related subjects.

Resumen

Este texto pretende hacer una lectura de la narrativa de aventuras, estudiar el perfil del héroe aventurero y su configuración en la obra de Robinson Crusoe. La lectura estableció relaciones con otras disciplinas del currículo, adquirió forma de taller de lectura y producción textual y fue desarrollada con alumnos de 5° a 8° grado de la enseñanza primaria.

Palabras Clave

- Narrativa de aventuras;
- Lectura;
- Interdisciplinariedad;
- Producción textual.

End: Rua Itacuruçá, 96 apto 401 -
Tijuca - Rio de Janeiro
e-mail:rosacubariche@openlink.com.br

Recebido em:25/01/2001
Aprovado em:18/06/2001